

Ética na tradução de literatura infantojuvenil: análise de duas traduções de *Viagem ao centro da Terra*

Fernanda da Silva Rando

RESUMO: O tradutor de literatura infantojuvenil (LIJ) deve atentar-se a uma questão muito peculiar que diz respeito à relação assimétrica que ele, adulto, tem com seu público-alvo em potencial, isto é, crianças e jovens. Por conseguinte, o tradutor de textos para esse público, além de ser influenciado por seu contexto social, histórico e cultural, como em todo ato tradutório, lida também com sua visão do universo infantojuvenil. Diante de tal fato, este artigo visa analisar alguns aspectos da tradução de LIJ e as estratégias usadas para traduzir e/ou adaptar, sobretudo, nomes próprios, termos técnicos e estrangeirismos. O *corpus* constitui-se de duas traduções do clássico da literatura francesa *Voyage au centre de la Terre* (*Viagem ao centro da Terra*), de Júlio Verne, e a fundamentação teórica baseia-se principalmente nos conceitos de ética no processo tradutório (VENUTI 2002); BERMAN, 1995 e 2013; OLIVEIRA, 2005, 2006, 2007 e 2008). A análise foi realizada de modo comparativo, e não avaliativo, de alguns excertos, de capítulos variados, que ilustram diferentes procedimentos éticos.

Palavras-chave: tradução de literatura infantojuvenil; ética no processo tradutório; literatura infantojuvenil.

Introdução

No Brasil, a tradução de literatura infantojuvenil (LIJ) só começou efetivamente no fim do século XIX e início do XX, e teve um crescimento considerável na década de 1930, época a partir da qual, como afirma Biasoli (2007), é imposta a obrigatoriedade da frequência na escola, pelo menos quanto ao denominado ensino primário. Desde então, a proliferação de traduções de livros infantojuvenis pelo país só aumentou.

Traduzir para esse público impõe alguns desafios, como a relação assimétrica entre o tradutor e público a que se destina o livro, ou seja, crianças e jovens. Assim, segundo Azenha (2005), “o tradutor trabalha com a (sua) imagem daquilo que acredita ser a criança” (p. 378); e, de acordo com Oittinen (2000), essa imagem “da criança é uma questão muito complexa: por um lado, é algo único, baseado na história pessoal de

Nesse contexto, abordar a postura ética privilegiada ao traduzir-se LIJ pode dar alguns indícios de como o tradutor, e também as pessoas que estão envolvidas na produção e divulgação da obra, como editores e revisores, encaram a criança e/ou o jovem que lerá aquele texto.

Venuti (2002) e Berman (1995, 2002 e 2013) são teóricos que advogam a favor de uma tradução orientada por uma ética da diferença. Os dois autores reivindicam um texto traduzido que seja reconhecido como tradução e que o tradutor não “se esconda” por trás de uma leitura fluente, a qual seria justamente a meta da ética da igualdade.

Considerando essas entre outras questões, o presente artigo, que é um recorte da minha pesquisa de mestrado, em andamento, tem o objetivo de abordar problemáticas referentes à ética na tradução de LIJ, de acordo com Venuti e Berman, e segue os moldes de alguns trabalhos elaborados sobre questões éticas de Maria Clara Castellões de Oliveira. Nos próximos itens serão apresentados um breve levantamento teórico, enfocando questões da tradução de LIJ e também a ética no processo tradutório, e a análise de alguns excertos de duas traduções do clássico da LIJ *Voyage au Centre de la Terra* (*Viagem ao centro da Terra*), do autor francês Júlio Verne.

1. A tradução de literatura infantojuvenil

Enquanto na Europa a literatura para crianças e jovens despontou consideravelmente a partir do século XVII, no Brasil a produção e tradução de LIJ só começam efetivamente no fim do século XIX, como afirmam Lajolo e Zilberman (2011), mais especificamente “nos arredores da Proclamação da República”, período em que se inicia um processo de industrialização, urbanização em solo brasileiro. Antes disso, os livros infantojuvenis que circulavam no país eram traduções vindas de Portugal, portanto,

[...] foi [...] através, de traduções portuguesas que as crianças brasileiras conheceram o prazer de suas primeiras leituras literárias e começaram a conviver com as grandes personagens, com os ideais de vida e os padrões morais que estavam na base da Sociedade romântica/liberal/cristão, de que somos herdeiros e continuadores/transformadores. (COELHO, 1987 p. 24-25)

Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram uns dos primeiros a mudar

tal panorama, no fim do século XIX, traduzindo e adaptando clássicos infantojuvenis europeus para o público brasileiro.

Já no início do século XX, sem dúvida, o grande precursor de traduções e adaptações para as crianças e jovens brasileiros foi Monteiro Lobato, que atuou como tradutor nas décadas de 1930 e 1940, segundo Campos e Oliveira (2009). Ansiando por um país mais moderno, Lobato criticava veementemente as edições portuguesas de livros infantojuvenis, que, segundo ele, não retratavam a linguagem falada no Brasil e não passavam de “traduções galegas” (LOBATO, 1946). Sua pretensão era abrasilizar os livros, e foi exatamente isso o que fez em várias de suas traduções e/ou adaptações.

Esse aumento de obras traduzidas realizadas no país impulsionou, na época, o mercado editorial, o que favoreceu, de certo modo, a produção brasileira de livros voltados para crianças e jovens, e, em geral, de cunho mais nacionalista.

Na Era Vargas, outro fator que contribuiu para o aumento da circulação de LIJ foi o ensino primário ter-se tornado obrigatório e universal. Iniciava-se, na época, uma fase de modernização e “investimento” em educação e também em saúde, em que é propiciamente criado o Ministério da Educação e da Saúde Pública, visto que, para tal governo, “instruir caminhava junto com higienizar” (RODRIGUES, 2010, p. 3). Desde então, a LIJ passou por várias mudanças e o volume de traduções que circulam no país só cresceu. Atualmente, nota-se um grande número de livros traduzidos para crianças e jovens em circulação no mercado nacional. Na lista dos vinte livros de ficção mais vendidos no país da Revista Veja, do dia 04 de junho de 2014, havia dez obras classificadas como literatura infantojuvenil ou juvenil, e as dez eram traduções e/ou adaptações.¹

O trabalho do tradutor de LIJ envolve os mesmos questionamentos que aquele de um tradutor de literatura considerada para o público adulto, como “fidelidade” em relação ao texto de partida e “equivalência”. Alguns teóricos, como Nida e Catford, orientados por uma corrente estruturalista, conforme menciona Rodrigues (2000) no livro *Tradução e Diferença*, consideram o ato de traduzir como um processo de decodificação da língua de partida. O tradutor, nesta visão, teria de apresentar uma postura passiva e “fiel” de “captar” no texto de partida os significados, decodificá-los e

¹ Disponível em < http://veja.abril.com.br/livros_mais_vendidos/>. Acesso em 04 de junho de 2014.

“transportar” seus respectivos equivalentes para a outra língua, sendo desconsiderado qualquer fator externo, que pudesse interferir nessa passagem, como o contexto sociocultural em que o tradutor está inserido. Já em uma abordagem pós-moderna, há uma mudança de ponto de vista, pois, para tal corrente teórica, “tradução não é resgate nem descoberta de significados, mas sua criação; não envolve transporte ou substituição, mas transformação” (RODRIGUES, 1990, p.122). Nesse cenário pós-moderno, Arrojo (1986) discute a questão da fidelidade e propõe uma conceituação bem diferente daquela proposta pela visão mais tradicional, defendida por autores tais como Nida e Catford. Para tal autora,

[...] tradução [...] será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos *ser* o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será [...] sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos. Além de ser fiel à leitura que fazemos do texto de partida, nossa tradução será fiel também à nossa própria concepção de tradução. (ARROJO, 1986, p. 44)

Além de tais questões, o trabalho do tradutor de LIJ envolve a problemática da assimetria, ou seja, é um adulto que traduz para um público não-adulto, portanto “a tradução [...] inclui a imagem que o tradutor adulto tem da criança de sua cultura e da cultura de partida, pois esta vai influenciar várias de suas decisões tradutológicas” (MUNDT, 2008, p.4). Justamente por essa relação assimétrica o tradutor corre o risco de “subestimar” a capacidade de compreensão de crianças e jovens, e até considerar mais “apropriado” para tal público um texto com frases mais curtas e diretas, com termos mais genéricos em vez de mais específicos, e até dependendo da cultura para a qual se traduz, valer-se de certa censura, como menciona Lathey (2006): “diferentes expectativas culturais de leitores infantis dão origem à censura no processo de tradução, em particular na representação de violência e das referências escatológicas que tanto agrada às crianças” (p. 6).²

² *Different cultural expectations of child readers give rise to censorship the process of translation, particularly in the representation of violence and the scatological references in which children take such delight.*

Shavit (2006, p. 28-33) cita, nesse contexto, o caso do livro *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, que primeiramente não foi escrito e publicado, em 1726, visando o público infantojuvenil, mas que, com o tempo tornou-se um clássico da LIJ. A obra foi mundialmente traduzida e adaptada; e nesse processo de “adequação” para crianças e jovens, em geral, as traduções e/ou adaptações eliminaram, sobretudo, as sátiras políticas e os elementos escatológicos, que permeavam todo o texto.

Todas essas questões de certa maneira podem ser tratadas também pela ótica da ética, e é justamente esse o principal objetivo do artigo, ou seja, discutir qual postura ética predomina em traduções de uma obra infantojuvenil, no caso, *Viagem ao centro da Terra*.

Berman (2013) e Venuti (2002) consideram que a tradução deve ser orientada por uma ética da diferença, aquela em que a estrangeiridade do texto de partida não é apagada e a voz do tradutor não é “calada”. O oposto de tal postura seria a ética da igualdade, em que o tradutor procura aproximar o texto da cultura e público para os quais é dirigida a tradução, produzindo um texto fluente, domesticado ou etnocêntrico, conforme o termo usado por Berman (2013), o qual provocaria uma invisibilidade do tradutor, a sensação de que não se trata de uma tradução. De acordo com Venuti,

[a] melhor forma de apontar a estrangeiridade de um texto estrangeiro é revisar a hierarquia dos discursos culturais que pré-existem àquele texto na língua-alvo, cruzar as fronteiras entre as comunidades culturais domésticas e alterar a reprodução de valores e práticas institucionais. Uma ética tradutória da igualdade que se atém aos valores domésticos dominantes e consolida as instituições limita esses efeitos, geralmente para evitar qualquer perda da autoridade cultural e para acumular capital. (VENUTI, 2002, p. 353)

Apesar da crítica à ética da igualdade, Berman, em *Pour une critique des traductions*, diferentemente do que havia feito em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, admite que tal estratégia é legítima, desde que seja justificada e o leitor possa ser informado de tal procedimento tradutório. Portanto, nessa visão do teórico, “enquanto a visibilidade da ética da diferença ocorre na cena da tradução, a ética da igualdade deve ocorrer fora dela, em prefácios e notas, por exemplo” (OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Oliveira (2008) menciona que não é possível eleger apenas uma ética da tradução.

Nesse caso, nada impediria o tradutor de valorizar a cultura de partida, isto é, apresentar uma postura mais estrangeirizadora, sem negligenciar inteiramente a cultura para qual o texto será traduzido, e vice-versa. Assim, a tradução deve considerar vários âmbitos, não se basear necessariamente em um modelo pré-definido. O tradutor, por questões culturais, históricas, individuais e coletivas, pode optar por domesticar ou estrangeirizar determinados elementos e outros não, mantendo-se de todo modo “fiel”, segundo a definição de Arrojo (1986), à sua leitura e, no caso, à sua concepção de criança e/ou jovem.

No âmbito de ética tradutória, Oliveira (2005, 2006 e 2007) analisa em alguns trabalhos as estratégias de alguns tradutores brasileiros renomados, que ilustram essa variação de postura ética. Monteiro Lobato, por exemplo, pautava as traduções dos seus textos tanto na ética da diferença – visto que, em geral, os livros traduzidos por ele eram de origem inglesa, contrariando a corrente da época que valorizava os textos franceses – como na ética da igualdade, ao tentar sempre abrasileirar a linguagem e contextos dos livros que traduzia em favor do leitor.

Diante de todas as considerações mencionadas, o próximo item visará a análise da postura ética de dois tradutores da obra infantojuvenil *Voyage au Centre de la Terre* (*Viagem ao centro da Terra*), seguindo os moldes, como já mencionado, dos trabalhos de Maria Clara Castellões de Oliveira sobre o assunto. Pretende-se verificar se por tratar-se de uma obra classificada como LIJ haveria certa tentativa de aproximar mais o texto do seu público potencial, torná-lo mais fluente, por conseguinte, apresentando uma tradução em que predomina a ética da igualdade.

2. *Voyage au centre de la Terre* (*Viagem ao centro da Terra*)

Júlio Verne nasceu em Nantes, em 8 de fevereiro de 1828 e morreu em 24 de março de 1905, em Amiens. A partir de 1862, Verne começa a ganhar destaque como escritor, mais especificamente ao assinar com o editor Pierre-Jules Hetzel um contrato, que previa, entre outras exigências, a produção de dois romances por ano, durante vinte anos, como mencionado por Benítez (1990). Daí nasce a famosa coleção *Viagens extraordinárias*, cujo livro inaugural foi *Cinco semanas em um balão*.

A obra *Voyage au centre de la Terre* (*Viagem ao centro da Terra*), inspirada em uma viagem que Verne havia realizado para a Noruega e outros países escandinavos, foi

publicada em 1864. A história é narrada pelo jovem alemão Axel Lidenbrock, sobrinho do importante professor de mineralogia e geologia Otto Lidenbrock. Os dois, após decifrarem um misterioso criptograma encontrado em um manuscrito antigo, realizam uma grande viagem até a Islândia, para enveredarem-se, com a ajuda de um guia, no interior de um vulcão extinto, o Sneffels, e atingir o centro da Terra. É então que os três personagens vivem várias aventuras e se depararam com situações inusitadas, como a presença de monstros marinhos, até conseguirem voltar à superfície por meio de outro vulcão, mas agora na Itália. Trata-se de uma obra de ficção científica, repleta de termos geológicos, mineralógicos, paleontológicos, referências culturais e históricas, que se tornou um clássico da literatura infantojuvenil. Mesmo com a história baseando-se em teorias científicas questionáveis, como a de que a Terra seria na verdade oca, com um subterrâneo habitado por vegetação e animais, o livro continua sendo publicado e traduzido no mundo todo.

Os dois textos analisados de modo comparativo serão: a segunda edição, do tradutor Cid Knipel Moreira, publicada pela editora Ática, em 1994, cuja primeira edição data de 1993; e a segunda edição revista da tradução e adaptação de Walcyr Carrasco, para a editora Moderna, cuja primeira edição foi publicada em 2007. Neste artigo, não se pretende defender um tipo de ética em detrimento do outro, muito pelo contrário, tanto a ética da diferença quanto a ética da igualdade são consideradas estratégias legítimas. Por uma questão de espaço, a análise priorizará apenas alguns pontos específicos da obra em relação principalmente a nomes próprios, estrangeirismos e termos técnicos.

Quanto aos nomes de quatro dos cinco personagens com mais destaque no livro, tanto Moreira quanto Carrasco optaram por mantê-los como o texto em francês; assim também nas duas edições brasileiras eles são nomeados como Otto Lidenbrock, Axel, o guia Hans Bjelke e Graüben – na tradução de Moreira, o nome da afilhada do professor Lidenbrock não apresenta trema: Grauben. A única discrepância significativa verificada encontra-se no nome da empregada da casa Lidenbrock, nomeada no texto em francês como “Marthe”, Carrasco mantém de certo modo a coerência e não o “traduz”, já que não o fez com os outros nomes, Moreira apresenta uma versão abrigada para chamá-la, “Marta”, algo que pode ter o efeito de aproximar a personagem do público para a qual foi traduzida.

Pelo fato do livro em francês ser de meados do século XIX e a história ser ambientada também no mesmo período, é possível notar o uso de algumas expressões e frases latinas, apesar de que na época o latim já perdera consideravelmente o prestígio de antes, resistindo praticamente apenas em poucos ambientes acadêmicos, de acordo com Burke (1995). Nesse caso, Moreira apresenta uma estratégia mais pautada na ética da diferença, ao usar também os termos em latim, ao contrário de Carrasco que as traduz ou os exclui do texto, como podemos notar no trecho a seguir:

Tradução de Moreira, de 1994	Tradução e adaptação de Carrasco, de 2012	Texto em francês
[...] Se eu estiver enganado, poderei tentar o espanhol, o francês, o italiano, o grego, o hebraico. Mas os sábios do século XVI geralmente escreviam em latim. Portanto, tenho o direito de dizer <i>a priori</i> : isto é latim (p.28)	[...] Se eu estiver enganado, tentarei o espanhol, o francês, o italiano, o grego e o hebraico. Mas os sábios do século XVI geralmente escreviam em latim. Em princípio, creio que é latim (p. 49-50)	[...] Si je me trompe, je pourrai essayer de l'espagnol, du français, de l'italien, du grec, de l'hébreu. Mais les savants du seizième siècle écrivaient généralement en latin. J'ai donc le droit de dire <i>a priori</i> : ceci est du latin (p.28-29)

Mesmo *a priori* sendo uma expressão que é bastante usada em textos em língua portuguesa, Carrasco optou por traduzi-la, talvez por se tratar de uma obra voltada para crianças e jovens que atualmente têm contato praticamente nulo com o latim, e isso poderia causar uma interferência na leitura fluente do texto.

O texto em língua francesa contém ainda algumas frases em latim atribuídas a Virgílio; Moreira, do mesmo modo que em relação às expressões, apresenta as frases também em latim no seu texto, mas, na edição analisada, elas são acompanhadas de notas de rodapé do editor com a tradução para o português, já na tradução e adaptação de Carrasco tais frases foram omitidas.

Tradução de Moreira, de 1994	Tradução e adaptação de Carrasco, de 2012	Texto em francês
<p>Às seis horas, estava tudo pronto. Fridriksson apertou nossas mãos. Com muita cordialidade, meu tio lhe agradeceu em islandês sua amável hospitalidade. Quanto a mim, gastei o melhor de meu latim em uma saudação cordial; em seguida, montamos e Fridriksson me lançou, em último adeus, este verso que Virgílio parecia ter escrito para nós, viajantes de rumo incerto: <i>Et quacumque viam dederit fortuna sequamur*</i>. (p. 73) *N.E.: Não importa o caminho a que a fortuna nos leve, nós o seguiremos.</p>	<p>Às seis horas nos despedimos do professor Fridriksson, agradecendo pela generosa hospitalidade. A grande expedição começou (p.102)</p>	<p>Tout fut terminé à six heures, M, Fridriksson nous serra les mains. Mon oncle le remercia en islandais de sa bienveillante hospitalité, et avec beaucoup de coeur. Quant à moi, j'ébauchai dans mon meilleur latin quelque salut cordial ; puis nous nous mîmes en selle, et M. Fridriksson me lança avec son dernier adieu ce vers que Virgile semblait avoir fait pour nous, voyageurs incertains de la route : <i>Et quacumque viam dederit fortuna sequamur.</i> (p.131)</p>

Além do mais, na obra nota-se também o uso de palavras dinamarquesas e islandesas ditas na grande maioria das vezes pelo guia da viagem, Hans; no texto em francês, sempre que esses estrangeirismos aparecem, os significados são revelados pelo professor Lidenbrock, que era um poliglota, a favor do sobrinho Axel, ou a tradução aparece no meio da narração. Os tradutores, mais uma vez, apresentam posturas diferentes diante das palavras estrangeiras, como podemos ver nos dois exemplos abaixo:

Tradução de Moreira, de 1994	Tradução e adaptação de Carrasco, de 2012	Texto em francês
Aqui e ali, eu via fumacinhas subindo aos ares. Esses vapores brancos, <i>reykir</i> em islandês, vinham de fontes térmicas e, pela violência, indicavam a atividade vulcânica do solo. (p.86)	De brechas do solo, saíam fumacinhas. Sem dúvida, isso indicava atividade vulcânica! (p.116)	Je voyais ça et là des fumerolles monter dans les airs; ces vapeurs blanches nommées « <i>reykir</i> » en langue islandaise, venaient des sources thermales, et elles indiquaient, par leur violence, l'activité volcanique du sol. (p.161)
Eu estava esgotado. O professor percebeu claramente que minhas pernas não me serviam para nada e, apesar da impaciência, decidiu parar. Fez então um sinal ao caçador, que balançou a cabeça dizendo: – <i>Ofvanför</i> . – Parece que é preciso subir mais – disse meu tio. (p. 92)	Sentia-me esgotado. Meu tio percebeu que eu mal conseguia continuar me movendo. Apesar da impaciência, decidiu parar. Fez um sinal ao guia. Travou-se um rápido diálogo entre ele e o professor. Ao final, meu tio explicou – É preciso subir mais! (p. 122).	J'étais épuisé. Le professeur vit bien que mes jambes me refusaient tout service, et, malgré son impatience, il se décida à s'arrêter. Il fit donc signe au chasseur, qui secoua la tête en disant : – <i>Ofvanför</i> . – Il paraît qu'il faut aller plus haut », dit mon oncle. Puis il demanda à Hans le motif de sa réponse. (p.172)

Em toda a sua tradução e adaptação, Carrasco oscila quanto ao uso de tais palavras, mantendo em algumas passagens as palavras estrangeiras e em outras, como nos exemplos, omitindo-as e reformulando as frases; diferentemente de Moreira, que mostra um texto mais estrangeirizador.

Há vários termos científicos no texto em francês da área de geologia, mineralogia, paleontologia, botânica etc; diante de tal fato e por tratar-se de uma obra voltada para o público infantojuvenil, o tradutor poderia optar por um texto mais fluente, usando palavras mais genéricas no lugar de mais específicas. Em geral tal postura é justificada pela crença de que um texto mais técnico dificultaria a compreensão de criança e/ou jovem. Na tradução de Moreira, nota-se poucas vezes o uso dessa estratégia de redução lexical. Por exemplo, no capítulo 32, em que o professor e o seu sobrinho encontram vários ossos de dinossauros, tanto no texto de partida como no texto traduzido por Moreira, é apresentada uma frase com uma sucessão dos nomes das espécies à qual

pertenciam os ossos: “[...] coleção de laptotenos, mencotenos, *Lophodions*, anoplotérios, megatérios, mastodontes, protoptecos, pterodáctilos” (VERNE, 1994, p.191); já no texto de Carrasco todos esses termos são resumidos pela palavra “ossada”. No geral, a operação de redução textual não foi o que predominou nos textos aqui analisados. Todavia, Carrasco valeu-se do uso de notas explicativas nas margens das páginas praticamente toda vez que aparecia esses termos, como da área de mineralogia. Na tradução de Moreira, há também algumas notas, mas de modo bem mais moderado.

Enfim, por meio dessa breve análise, pode-se verificar que em relação à ética, os dois tradutores oscilaram nas estratégias de tradução. De qualquer modo, Moreira apresentou uma tradução mais estrangeirizadora nos pontos levantados; já na tradução e adaptação de Carrasco, há um texto mais próximo do seu público, ou seja, privilegiando a ética da igualdade e a redução textual.

Considerações finais

As posturas éticas no ato tradutório discutidas por Berman (1995 e 2013) e Venuti (2002) referem-se, sobretudo, à postura do tradutor de aproximar ou afastar o texto da cultura de chegada, no momento da tradução. Ao analisar as duas traduções, a meta não era julgar qual seria a melhor, ou defender um modo de traduzir – pois afinal, como bem disse Berman, “o tradutor tem *todos os direitos* desde que ele faça um jogo franco” (1995, p. 93)³ - , e sim comparar como dois tradutores de uma obra infantojuvenil, *Voyage au centre de la Terre (Viagem ao centro da Terra)*, de Júlio Verne, lidaram com as possíveis “dificuldades” reveladas pelo texto em francês.

Notou-se que as duas traduções/adaptações da obra, de Júlio Verne, apresentaram posturas éticas diferentes. Moreira apresentou um texto, de certo modo, mais próximo do proposto por Berman (2013) e Venuti (2002) ao visar algumas estratégias de tradução mais voltadas para uma ética da diferença, como ao não optar por traduzir as frases em latim. No caso de Carrasco, vê-se uma tentativa de aproximar o texto do público da língua de chegada, com uma linguagem mais atual, visto que o livro, em francês, data de meados do século XIX.

³ *Le traducteur a tous les droits dès lors qu'il joue franc jeu.*

ABSTRACT: The translators of children's literature should pay attention to a very particular issue regarding the asymmetrical relationship that the adult has with his potential target public, that is, children and teenagers. Therefore, the translator of texts for this public, besides being influenced by his social, historic and cultural context, as well as any other translation, deals also with his concepts about children. So this article seeks to analyze some aspects of translation of children's literature and the strategies used to translate and/or adapt, especially, first names, technical terms and foreignisms. The corpus consists of two translations of the French book, by Jules Verne: *Voyage au centre de la Terre (Journey to the Center of the Earth)*; and the theoretical foundation bases mainly on the concept of ethics in the translator process (VENUTI 2000; BERMAN, 1995 e 2013; OLIVEIRA, 2005, 2006, 2007 e 2008). The analyses were carried out in a comparative way, and not evaluative, of some excerpts, from several chapters, that illustrate different ethic procedures.

Keywords: translation of children's literature; ethics in the translation; children's literature.

Referências

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

AZENHA Jr., João. A tradução para a criança e para o jovem: a prática como base da reflexão e da relação profissional. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v.9, p. 367-392, 2005. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum/site/images/pdf/ed2005/A_traduo_para_a_criana_e_para_o_jovem.pdf>. Acesso em 03 abr. 2012.

BENÍTEZ, J. J. *Eu, Júlio Verne* Tradução de Maria Luíza Fernandez Garonã. São Paulo: Mercuryo, 1990.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BIASIOLI, Bruna Longo. As Interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente. *Terra Roxa e Outras Terras*, Londrina, v. 9, p. 91-106, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol9/9_9.pdf>. Acesso em 20 jun. 2012.

BURKE, Peter. Heu domine, adsunt turcae: esboço para uma história social do latim pós-medieval. In: _____. *A arte da conversação*. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

CAMPOS, Giovana Cordeiro; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. O pensamento e a prática de Monteiro Lobato como tradutor. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 67-79, 2009. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/ipotesi/article/viewFile/415/389>>. Acesso em: 03 jun. de 2012.

COELHO, Nelly Novaes. A Tradução: Núcleo Geratriz da Literatura Infantil/Juvenil. *Ilha do Desterro*, n 17, p. 21-32, 1987.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2011.

LATHEY, Gillian. Introduction. In: LATHEY, Gilian (Ed). *The Translation of Children's Literature: a reader*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2006.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1946. Tomo II.

MUNDT, Renata de Souza Dias. A adaptação na tradução de literatura infanto-juvenil: necessidade ou manipulação? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 11, 2008, São Paulo. *Anais do Congresso Internacional da ABRALIC*. São Paulo: ABRALIC, 2008, p. 1-10. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/073/RENATA_MUNDT.pdf>. Acesso 10 maio 2012.

OITTINEN, Riitta. *Translating for Children*. New York: Garland Publishing, 2000.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. Ética em Tradução, Frutos de Posturas Estéticas e Políticas. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC: *Sentidos dos Lugares*, 2005, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 01-09. Disponível em: <<http://www.ufjf.br>>. Acesso em: 03 mar de 2013.

_____. Escritores brasileiros e a ética da tradução: o caso de Érico Veríssimo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 10, 2006, Rio de Janeiro. *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIC*, Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006, p. 1-8

_____. Ética ou Éticas da Tradução? *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-8, 2007.

_____. A tradução e a ética da responsabilidade em períodos ditatoriais. In: OLIVEIRA, Maria. Clara Castellões de e LAGE, Verônica Lucy Coutinho (Org.). *Literatura, crítica, cultura I*. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2008.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. Tradução: teoria e contrastes. *Alfa*, São Paulo, n.34, 1990, p. 121-128.

_____. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. O papel da tradução na pesquisa científica brasileira: primeiros movimentos. *Tradução em revista*, n. 8, p. 1-13, 2010. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=OUTPUT&fas=99&NrSecao=44>. Acesso em: 30 de maio de 2014.

SHAVIT, Zohar. Translation of Children's Literature. In: LATHEY, Gilian (Ed). *The Translation of Children's Literature: a reader*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 2006.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

VERNE, Jules. *Voyage au Centre de La Terre*. Québec: La Bibliothèque électronique du Québec, Collection À tous les vents; v.14. Disponível em: <<http://beq.ebooksgratuits.com/vents/Verne-centre.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2012

VERNE, Júlio. *Viagem ao Centro da Terra*. 2. ed. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora Ática, 1994. (Série Eu leio).

_____. *Viagem ao Centro da Terra*. 2. ed. Tradução e Adaptação de Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna, 2012. (Biblioteca Walcyr Carrasco – Coleção Clássicos Universais).

Data de envio: 10 de novembro de 2014

Data de aprovação: 04 de janeiro de 2015

Data de publicação: 19 de fevereiro de 2015